

DATA LUTA



BOLETIM DATA LUTA

Uma publicação do Núcleo de Estudos, Pesquisas e Projetos de Reforma Agrária – NERA.
Presidente Prudente, maio de 2011, número 41. ISSN 2177-4463.

www.fct.unesp.br/nera

ARTIGO DATA LUTA

Proseando com a esperança

ARTIGO DO MÊS

Agroecologia & educação do campo

www.fct.unesp.br/nera/artigodomes.php

EVENTOS

VII Semana de Geografia - UNESP

“Política, cultura e meio ambiente: múltiplas dimensões do território”

Ourinhos – São Paulo, 25 a 27 de maio de 2011

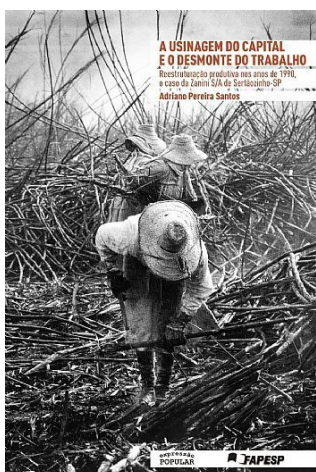
V Jornada de Estudos em Assentamentos Rurais - UNICAMP

Campinas – São Paulo, 15 a 17 de junho de 2011

XIII Encuentro de Geógrafos de América Latina - EGAL

San José – Costa Rica, 25 a 29 de julho de 2011

PUBLICAÇÃO



A usinagem do capital e o desmonte do trabalho: reestruturação produtiva nos anos 1990, o caso da Zanini S/A de Sertãozinho- SP

Autor: Adriano P. Santos

A obra oferece um quadro rico e particular da capital agroindustrial da região de Ribeirão Preto, imprescindível para entender o desenvolvimento e a expansão do setor sucroalcooleiro que vem ocorrendo no Brasil, especialmente a partir do início dos anos de 1990, com a nova divisão internacional imposta pelo capital. Demonstra como esse ramo se pautou por um intenso processo de reengenharia, gerando uma nova forma de organização produtiva que vem intensificando ainda mais as condições de trabalho, gerando "um novo tipo de trabalhador" sintonizado com as demandas do capital agroindustrial canavieiro.

APOIO



Elaborado por Danilo Valentin Pereira (bolsista NERA) e Vinicius Bonafin Stoqui (bolsista PROEX). Pesquisadores do NERA
Coordenação: Carlos Alberto Feliciano; Revisão: Rubens dos S. R. Souza (bolsista FAPESP) e Francilane Eulália de Souza

Leia outros números do BOLETIM DATA LUTA em www.fct.unesp.br/nera

PROSEANDO COM A ESPERANÇA

Edivar Lavratti

edivar.lavratti@gmail.com

Agricultor, assentado no Projeto de Desenvolvimento Sustentável
Assentamento Sepé Tiaraju, Serra Azul - SP

Historicamente, o agricultor familiar - seja ele assentado de reforma agrária, colono, camponês tradicional, quilombola, povos da floresta, não importa o nome dado a esta categoria de brasileiros - enfrenta uma luta enorme para se manter, se estabelecer enquanto sujeito da agricultura brasileira. Nós, agricultores familiares, carregamos em nossas mentes e corações a resistência de nossos antepassados, o valor do trabalho árduo e a nossa fiel companheira esperança.

A agricultura familiar e seus sujeitos sofreram durante décadas a humilhação provocada pelo latifúndio e pelo Estado brasileiro. Muitos agricultores viram suas casas e plantações serem queimadas, seus filhos e lideranças serem assassinados ou presos. Segundo a CPT (Comissão Pastoral da Terra), de 1985 a 2010, foram assassinados 1.714 camponeses na luta pela terra ou resistindo para ficar na terra. Ainda temos inúmeros casos de agricultores e lideranças sindicais ou religiosas que foram presas e que ainda hoje respondem aos vários processos judiciais por defenderem o direito à terra.

Muitos filhos deste Brasil viram seus pais embarcando para as cidades, expulsos de suas terras. Viram seus pais entregarem suas propriedades de “porteiras fechadas” aos bancos, deixando tudo pra trás e levando consigo apenas as roupas, os filhos e a profunda tristeza e frustração. O êxodo rural, processo comum em todo o mundo, por aqui teve ingredientes de crueldade, a massa humana movimentada em duas décadas foi maior que a população de muitos países vizinhos, chegando a trinta milhões de pessoas. Camponeses incharam as grandes cidades, movidos pelo sonho de mudar de vida, ilusão trágica num país que negava seus próprios filhos. O projeto das elites para o campo passava a valorizar outro sujeito. O típico agricultor familiar deu lugar ao pasto, às lavouras extensivas, ao boi e ao monocultivo de árvores. A roça passou a ser vista como lugar de sofrimento e atraso, e há até um dito popular que pejorativamente diz: “fulano foi pra roça”, tratando de pessoas que por algum motivo se deram mal.

Mas ainda assim, milhares de agricultores resistiram, protestaram, se organizaram, realizaram romarias, marchas a Brasília, ocupações de latifúndios, fizeram alianças com os operários das fábricas, buscaram resistir a este brutal ataque dos senhores de terras. Continuávamos semeando a terra, mesmo sabendo que muitos riam de nosso roçado. Continuávamos resistindo e lutando com as ferramentas que tínhamos em mãos.

Como não havia nenhum interesse em fortalecer a agricultura familiar, o Estado brasileiro nunca se preocupou em desenvolver pesquisas para os “pequenos”. Com créditos limitados, os poucos recursos que existiam, exigiam tantas garantias que não permitiam que nós tivéssemos acesso aos mesmos. E em muitos locais, os próprios gerentes não sabiam nem como encaminhá-los.

Vivendo sem conforto algum, as nossas famílias seguiam nas casas que foram de nossos avós, sem condições de reformá-las, sem luz elétrica, dirá eletrodoméstico. Assim íamos com nossos carros de boi ou carroça, o arado à tração animal, ou o trator que servia à comunidade inteira. Mas lá estava o agricultor, sem nenhuma garantia de compra de seu produto, sem preço mínimo, nem seguro agrícola,

produzindo alimentos que muitas vezes eram desperdiçados, pois não conseguiam mercado e o Estado não assegurava a compra. Quantas vezes os brasileiros assistiram nos noticiários pequenos agricultores distribuindo leite na cidade ou jogando fora? Batata, frutas e cereais que simplesmente não tinham nenhum comprador interessado. Nem mesmo o governo federal, que deixava estragar comida em seus armazéns, enquanto metade da nossa população passava fome.

Não tenho nenhuma saudade daqueles tempos sombrios. Mas aqueles agricultores são os agricultores de hoje, que abastecem o equivalente a 70% do que é servido nas mesas dos brasileiros. Somos fruto desse processo e dessa história.

Não podemos nos esquecer de onde viemos e tudo que fizemos para chegarmos até aqui. Não podemos esquecer que só fomos valorizados enquanto categoria de produtores há pouquinho tempo, no período do governo Lula.

Gostaria de contar as transformações ocorridas em nossa comunidade e citar dados da pesquisa por amostragem feita pela CNA (Confederação Nacional de Agricultura) no fim do ano de 2009. Cabe esclarecer que, tal pesquisa foi elaborada para demonstrar a quão equivocada – segundo eles - era a política do governo Lula para a agricultura familiar, através das “desproteções sociais no campo” como foi intitulado o relatório da pesquisa.

Vivo em um assentamento de reforma agrária que depois de muita luta e organização dos trabalhadores, se concretizou a partir da aquisição da terra por parte do INCRA junto ao patrimônio do estado de São Paulo. Trocando em miúdos: o governo Lula comprou uma propriedade pública do estado de São Paulo para tornar possível o assentamento. Dentre todos os compromissos que assumimos, desde os ambientais até a não venda de lotes, está o compromisso de fazermos um assentamento com qualidade. É claro que este processo não é linear e nem simples. Passamos à condição de agricultores familiares numa das regiões mais ricas desse país e precisávamos estar preparados para este desafio.

Estamos assentados há cinco anos e conseguimos nos estabelecer, assim como outros assentamentos que temos notícias. Construimos nossas casas - todos os agricultores possuem casas que variam de 70 a 90 m² de acordo com o gosto de cada indivíduo, construídas em alvenaria e com acabamento. Todas as casas possuem tratamento de esgoto - esse foi um acordo feito com toda a comunidade - onde destinaríamos parte do recurso da construção para o tratamento do esgoto.

Cabe aqui ressaltar alguns dados da pesquisa da CNA: 97% das habitações rurais têm como revestimento externo a alvenaria, apenas 3% possuem casas de taipa não revestida, palha e outros materiais como lona, etc. O piso das casas, elemento fundamental para o conforto doméstico, ainda é de chão batido em apenas 6% das casas, e os outros 94% são de pisos de cerâmica, pedra, cimento queimado, madeira, etc. Com relação ao saneamento, 87,9% das habitações rurais tem água canalizada e, destes, 41,8% possuem rede geral de distribuição. Sobre o escoamento dos dejetos oriundos dos banheiros, 89,1% possuem destinação, sendo que desses, 52,4% possuem fossa séptica. A energia elétrica, verdadeiro dilema para quem vive no campo, está em vias de chegar a todas as comunidades rurais, somente 3,8% das propriedades rurais familiares ainda não tem acesso à energia elétrica, ou seja, em 96,2% dos domicílios analisados por esta amostragem possuem energia elétrica. Só quem já viveu às escuras, sabe o que isso significa, não apenas para as necessidades domésticas e conforto – que são

muito importantes, mas também para a qualificação da produção (para resfriar o leite, para fazer ração para o gado, processar os cereais) e agregação de valor ao nosso produto.

Vamos voltar a minha comunidade...

Acessamos o primeiro crédito para investimento na produção, o PRONAF A – Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar, linha de crédito A - em 2005 e em 2007, acessamos o custeio, crédito liberado para custear a implantação dos sistemas de cultivos, no nosso caso o cultivo da mandioca, que apresentou perdas após ataque de doença. O seguro agrícola foi acionado e não tardará em ser atendido. Hoje, estamos nos preparando para acessar outras linhas de crédito, inclusive o Programa Mais Alimentos.

Temos garantia de preço através do Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) e Merenda Escolar, ambas iniciativas do governo Lula, sendo a CONAB – Companhia Nacional de Abastecimento a intermediadora junto aos órgãos administradores.

Através do PAA, doamos semanalmente em nossa cidade cerca de 8 toneladas de alimentos para entidades como APAE, Santa Casa, Asilo, Assistência Social, tudo isso com preço justo e trabalho executado pela nossa cooperativa junto à Prefeitura Municipal. No Brasil, quase 100 mil famílias de agricultores familiares são beneficiárias desse programa, que teve início em 2003 envolvendo pouco mais de 40 mil famílias. Hoje, o volume de recursos chega a 363 milhões de reais diretamente injetados nas comunidades, um aumento de 348% no volume de recursos, que além de garantir renda, contribuiu para formação de muitos grupos formais e informais de produtores.

Muitos sabidos falavam que este programa era uma esmola do governo aos agricultores familiares, mas é graças a ele que muitos jovens não estão indo embora para cidade e os agricultores passaram a se sentirem cidadãos. Agora temos comprovante de renda, os recibos das cooperativas são aceitos em todas as lojas com vendas à prazo. Nossas famílias já conseguem mobiliar suas casas, podem comprar móveis e eletrodomésticos – sonho tão esperado tanto para aqueles que construíram suas casas, como para aqueles que puderam reformá-las, no caso dos assentamentos mais antigos, que tiveram direito de acessar um recurso complementar ao crédito habitação destinado à reforma da moradia. Hoje, os agricultores familiares já conseguem comprar até carros novos. Isso tudo, talvez possa parecer pouco, mas isso é a recuperação da auto-estima...

Nossa escola está em construção e, temos aqui uma das mais de sete mil bibliotecas instaladas em todo o Brasil, pelo Programa Arca das Letras, também do governo Lula. E para o próximo período ficam conquistas como o Posto de Saúde e o encanamento da água, com recursos já contratados. Precisa perguntar se alguém tem saudade do passado?

Nossos sonhos são grandes, queremos a continuidade e expansão dessas políticas, nós precisamos avançar ainda mais! Precisamos dar acesso à terra a mais famílias, nosso país não pode continuar sendo um dos países de maior concentração fundiária do mundo, nós podemos aumentar o volume de agricultores familiares e aumentar a fatura de alimentos e tantos outros produtos que desses espaços possam surgir. Precisamos tornar mais simples as contratações de créditos pelos agricultores familiares, nos livrarmos de vez da burocracia e do preconceito por parte dos operadores de crédito, eles têm que se acostumar a lidar com a gente. Dar continuidade e ampliar os programas de construção e reforma de habitações rurais que trouxeram muita felicidade para as famílias e aqueceu o comércio das

Disponível em www.fct.unesp.br/nera

pequenas cidades. Ampliar e potencializar as compras institucionais de produtos da agricultura familiar, como o Programa de Aquisição de Alimentos e Merenda Escolar, pois só o Estado pode regular a desigualdade no jogo de mercado. Criar uma política exclusiva de assistência técnica e pesquisa, voltada para os agricultores familiares, fomentando e privilegiando a agricultura de baixo impacto ambiental e grande impacto social e econômico. Incentivar a construção de redes de comercialização regionais, valorizando o produtor e o produto local, como acontece em alguns países, onde o consumidor conhece de onde vem seu alimento.

Estamos todos animados e encharcados de esperança! A chuva veio depois de um longo tempo de seca, e todos nós, seguindo o antigo ritual do plantador, semeamos... E nesse ano, semeamos com muito mais paixão, pois sabemos que este projeto de país vai continuar, e nada daquilo que plantamos será perdido ou irá para o lixo.

Iniciaremos o fornecimento de alimentos para a merenda escolar. Serão 30% do total de alimentos para a alimentação escolar da nossa cidade sendo fornecida pelos agricultores familiares – assentados da reforma agrária. Essa é a lei da Merenda Escolar, a lei do Lula, como dizem por aqui. E os mais animados querem concorrer no pregão pelos outros 70% dos produtos... Hoje em dia já é permitido sonhar!!!

Nosso dia-a-dia é lidando com o nascer da semente, com o cuidado com a terra. O olho no tempo, na seca ou na chuarada. Nosso dia-a-dia é organizando as cooperativas, prestando atenção no que acontece no Brasil. É percebendo e dialogando com as pessoas da cidade, mostrando de onde vem a comida e, dizendo o quanto nos enche de orgulho aquela caixa de alimentos que veio de nossa roça e você leva e sacia sua fome e sua saudade...